

Gênero e sexualidade na educação musical escolar: vamos pensar juntas?

Yanaêh Vasconcelos Mota

Universidade Federal do Ceará, campus Sobral
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-1256-8168>
yanaeh.mota@ufc.br

<http://dx.doi.org/10.33054/MEB131603>

Recebido: 09/03/2023

Aprovado: 02/04/2024

Mário André Wanderley Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0000-0001-8349-0380>
mario.andre@ufrn.br

Francisco Ernani de Lima Barbosa

Secretaria da Educação do Estado do Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-4243-5670>
francisco.barbosa5@prof.ce.gov.br

Michel Vincent de Oliveira Sampaio

Universidade Federal do Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-7229-0850>
michelsampaio@alu.ufc.br

Resumo

Neste artigo, propomos, a partir de três situações-problema, reflexões, bases e estratégias para docentes de música frente a questões de gênero e sexualidade na escola de educação básica. Baseamo-nos, nesta proposta, em experiências e na literatura acadêmica sobre o tema. Convidamos docentes, gestoras/es/ies e demais profissionais da educação para refletirem sobre gênero e sexualidade na educação musical escolar, trazendo perspectivas para problematizar e desconstruir a cultura da violência.

Palavras-chave: Educação musical escolar; Gênero; Sexualidade.

Gender and sexuality in school music education: shall we consider it together?

Abstract

In this article, we propose, based on three problem situations, reflections, foundations, and strategies for music educators facing gender and sexuality issues in basic education schools. We base this proposal on experiences and academic literature on the subject. We invite educators, administrators, and other education professionals to reflect on gender and sexuality in school music education, bringing perspectives to problematize and deconstruct the culture of violence.

Keywords: *School music education; Gender; Sexuality.*

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; BARBOSA, Francisco Ernani de Lima; SAMPAIO, Michel Vincent de Oliveira. Gênero e sexualidade na educação musical escolar: vamos pensar juntas?. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, e131603, 2024.



Fonte: Personagem Mário (Ramon Novell) no curta-metragem espanhol *Vestido Nuevo*, de Sergi Pérez (2007).

 Curta-metragem disponível no Youtube. Para buscar, insira estes termos: vestido novo legendado.

Imagina só...

E se, na sua turma, sempre houvesse uma “piadinha” com o número 24 da lista de presença? E se parte da turma sempre ridicularizasse alguém com apelido pejorativo, relativo a uma orientação sexual ou identidade de gênero? E se Pedro, na hora do recreio, sempre preferisse brincar com as meninas? E se Maria chegasse na aula e dissesse que gostaria de ser chamada de Rafael? E se Thiago entrasse na sua sala de aula de vestido? O que você, como docente de música, faria nesses casos? Isso tem relação com o ensino de música? Isso tem a ver com a sua atuação como docente de música?

Comumente, gênero e sexualidade não são vistos por nós, professores/as/ies¹ de música, como aspectos relacionados à educação musical. No entanto, é inegável que situações diversas em sala de aula são explicitamente ensejadas, atravessadas e influenciadas por questões de gênero e sexualidade. Ocorre que, na ausência de lentes teóricas que nos auxiliem a identificar e compreender tais relações, podemos nem considerar o nosso papel – e dever – de realizar intervenções.

Conforme Kraemer (2000, p. 52), “[...] a pedagogia da música ocupa-se com as

relações entre pessoa(s) e música(s)”, sob os aspectos de transmissão e apropriação. Nesse sentido, não compreendemos a relação entre pessoas e música se não compreendermos as pessoas em suas singularidades e em suas relações com a sociedade, com o mundo e consigo mesmas. Um aspecto que constitui essa complexidade diz respeito às questões de gênero e de sexualidade, que têm sido, vale destacar, invisibilizadas, distorcidas e combatidas na contemporaneidade.

Um pouco de contexto

Entraves, proibições e múltiplas desinformações sobre gênero e sexualidade estão atreladas à ascensão do ultraconservadorismo, que emerge no mundo contemporâneo, intensificando discursos que favorecem estruturas mantenedoras de privilégios para determinados grupos e opressão para outros.

Políticas públicas voltadas à equidade de gênero e aos direitos da comunidade LGBTQIA+, que haviam avançado nas últimas duas décadas, foram frontalmente

1. Junto à linguagem binária (as/os), optou-se por adicionar marcadores de não-binaridade para contemplar, também, as pessoas não-binárias. Neste caso, ao longo do texto, existem marcações de gênero triplas como: “professores/as/ies”, que pode ser lida como “os professores”, “as professoras” ou “es professories”. Também identificada como Linguagem neutra, a estrutura de linguagem não-binária utilizada está de acordo com o sistema “elu”, elaborado por Ophelia Cassiano (2023).

atacadas nessa ascensão, impactando de forma significativa políticas e ações nos campos da educação, das artes e da cultura. Surgiram, por exemplo, nesse cenário, em diversos estados e municípios brasileiros, projetos de lei que propunham a retirada das palavras gênero e sexualidade de documentos oficiais no país, com o objetivo de minar uma suposta “ideologia de gênero” nas escolas (JUNQUEIRA, 2018). No entanto, a tal “ideologia de gênero” é um artifício discursivo de pânico moral que distorce os estudos de gênero e sexualidade (LIONÇO, 2016), impondo perspectivas tecnicistas e não-dialógicas à educação (MATTOS, 2018).

Faz-se necessário esclarecer, nesse sentido, que “[a] educação escolar não obriga ninguém a ser nada em termos de *gênero* e *sexualidade*: nem heterossexual, nem homossexual, nem travesti ou transexual, nem assexual, nem bissexual” (SEFFNER, 2017, p. 28), pois “[a] única tarefa da escola pública é ensinar a respeitar e acolher a diversidade. Porque nenhum dos modos citados constitui crime em nossa legislação” (SEFFNER, 2017, p. 28).



Você sabia?

O conceito de pânico moral não é novidade. Na década de 1970, o sociólogo Stanley Cohen utilizou o conceito em seu livro *Folk Devils and Moral Panics*, com a primeira edição de 1972. Para o autor, o pânico moral caracteriza como a mídia e outros agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos. O pânico moral se estabelece da seguinte maneira: quando uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para determinados valores e interesses vigentes, a sua natureza é apresentada de uma forma estereotipada e amplamente divulgada pela mídia de massa (COHEN, 1972, p. 9 apud MISKOLCI, 2007, p. 111).



Você sabia?

Entre os dez volumes publicados dos PCN, destacamos o Volume 8 (Apresentação dos Temas Transversais e Ética) e o Volume 10 (Pluralidade Cultural Orientação Sexual). Gênero e diversidade sexual são entendidos como temas transversais na educação básica, por tratarem de questões sociais, pois “sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los”, fazendo com que atravessem várias áreas do conhecimento (BRASIL, 1997, p. 29). Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica preveem que as questões de gênero são componentes integrantes do projeto político-pedagógico e devem estar alinhadas ao conjunto das ações educativas próprias das etapas da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 75, Art. 43, § 3º), tais como a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Mas, afinal, o que é gênero e sexualidade?

A história do conceito de gênero tem relação direta com o movimento feminista. Por isso, por muito tempo, os principais problemas investigados foram a desigualdade social entre homens e mulheres, a dominação masculina e a opressão das mulheres, em geral explicados a partir da noção de patriarcado. Hoje, essas questões foram complexificadas, por meio da adição de outras perspectivas, como a Teoria *Queer*, por exemplo.

A seguir, pontuamos brevemente alguns entendimentos sobre o assunto. Para Joan Scott (1995; 2010), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Já para Judith Butler (2003), gênero é performativo e, portanto, devemos buscar compreendê-lo como a repetição da norma que, feita de forma quase ritualizada, resulta na formação de sujeitos. Quem não se comporta de acordo com elas (normas sobre como se portar, como se vestir, por quem sentir afeto, etc.) acaba sofrendo consequências, como a marginalização, o *bullying*, a exclusão e, até mesmo, a morte.

Queer: [termo em inglês] pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais.” (LOURO, 2001, p. 546). “Para os teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade – onipresente na cultura ocidental moderna – poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos. [...] Os teóricos e teóricas queer fazem um uso próprio e transgressivo das proposições das quais se utilizam, geralmente para desarranjar e subverter noções e expectativas.” (LOURO, 2001, p. 548).

O conceito de sexualidade, por sua vez, tem a sua historicidade própria, ainda que esteja articulado ao conceito de gênero. É importante salientar que, quando falamos de sexualidade, não estamos falando de prática sexual, de coito, mas de uma dimensão fundamental da vida humana. A sexualidade é, conforme George Brown (2023), “a maneira pela qual a pessoa vivencia e expressa os instintos e sentimentos que compõem a atração sexual por outros”, independente da forma que se dá

essa atração. A sexualidade é parte comum da experiência humana que considera “composição genética, a criação na infância, a influência de pessoas ao redor e posturas sociais” (Brown, 2023). Sendo assim, podemos entender a sexualidade como um “terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual e coletivo de cada um de nós” (Nunes, 1987, p. 16). Por isso, as pessoas expressam sua sexualidade de diversas formas, construindo para si identidades sexuais diversas como: lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, assexuais, heterossexuais, etc.

Ao longo de sua história, o entendimento sobre a sexualidade se deslocou da esfera psiquiátrica e patologizante, que considerava, por exemplo, pessoas que se atraíam por outras pessoas do mesmo sexo como aberrações, e foi se complexificando para outras áreas do conhecimento. Como é possível observar na *História da Sexualidade* de Michel Foucault (2020, p. 117), “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico”. Isso quer dizer que a sexualidade é “produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriidade” (LOURO, 2007, p. 210).



Você sabia?

A mistura entre os entendimentos de gênero e de sexualidade pode existir, porque estão “profundamente inter-relacionadas”, porque a “nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente (sic) as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente” (Louro, 2003, p. 27).

Porém, como vimos, gênero e sexualidade não são a mesma coisa! Pessoas que se identificam como mulheres ou meninas (trans ou cis), homens ou meninos (trans ou cis), ou pessoas não-binárias

podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais. O que é importante – e imprescindível – considerar é que, “tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – **as identidades são sempre construídas**, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (Louro, 2003, p. 27, grifos nossos).

Situações-problema, soluções possíveis

Apresentamos, a seguir, três situações-problemas que buscam fomentar a reflexão sobre questões de gênero e de sexualidade na educação musical escolar. Vamos lá? Pensaremos em soluções possíveis para tais situações a partir da pedagogia anti-preconceito (BAIBICH, 2012), que busca, além de sensibilizar as pessoas para múltiplas realidades e perspectivas, instrumentalizá-las para a compreensão de causas históricas, sociológicas, econômicas que albergam o preconceito (BAIBICH, 2012, p. 50). Mais do que isso, tal pedagogia “[e]stá relacionada, sobretudo, à capacidade de enfrentamento do preconceito e da discriminação” (ibid.). Ao estarmos atentas/os/es aos vários aspectos que constituem o(s) preconceito(s), podemos dar início, na aula de música, ao processo de desconstrução da cultura da violência (BAIBICH-FARIA; MENEGHETTI, 2005, p. 82).



Situação-problema 1

Tema: Interações em atividades musicais

Júlia é uma experiente professora de música da educação básica. É uma mulher **cis-gênero** de 37 anos que atua em uma mesma escola particular desde os seus 21 anos de idade. Nos últimos dois anos, ela tem se interessado por questões de gênero. Tem lido matérias em sites e participado de diversos grupos sobre o tema no Facebook, Instagram e no WhatsApp. A princípio, tal iniciativa visava apenas suprir uma curiosidade pessoal, sem relação direta com as demandas de sua atuação como professora de música. Nas últimas semanas, porém, ela passou a perceber um padrão em suas aulas. Quando solicitava às suas turmas que formassem grupos para atividades de criação musical, as/os estudantes, todas/os cis, formavam, quase sempre, três tipos de grupos (sendo dois deles mais comuns): um grupo apenas de meninas, um grupo apenas de meninos e um grupo misto. Mais do que isso, Júlia percebeu que, internamente, esses grupos interagem de forma muito específica. Nas atividades de criação musical, os grupos formados apenas por meninos parecem preferir demonstrações

Cisgênero: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Para abreviar a palavra “cisgênero”, utiliza-se “cis” (JESUS, 2012).

sonoras – com a voz, corpo, objetos e/ou instrumentos – ao diálogo. As combinações estabelecidas entre os meninos do grupo aconteciam durante a própria prática musical. Já nos grupos formados apenas por meninas, o diálogo parece ser priorizado: em vez de demonstração do resultado sonoro que almejam, elas discutem o que querem expressar e comunicar por meio da criação sonora conjunta, estabelecendo momentos delimitados de fala e performance. Nos grupos mistos, por sua vez, as características dos grupos anteriores parecem estar presentes. No entanto, o tipo de comunicação preponderante nos grupos mistos é a dos meninos, o que faz com que as meninas, por vezes, fiquem caladas, desmotivadas e não participando das decisões finais da atividade, pois são, muitas vezes, ignoradas. Júlia, principalmente pelo que tem lido e refletido, incomodou-se ao perceber esse padrão, mas não sabe se deve intervir. Afinal, ela julga ter a liberdade como princípio para as atividades de criação musical coletiva.

A situação descrita acima foi inspirada no artigo *Gender differences of popular music production in secondary schools* (ABRAMO, 2011). A homosociabilidade² estabelecida no grupo apenas de meninos ou apenas de meninas pode gerar ritos que reproduzem papéis de gênero: meninas como doces, passivas; meninos, independentes, viris. Ou seja, podemos pensar que as meninas se sentem mais confortáveis em se relacionar/manifestar entre si, tanto por conta dessa homosociabilidade imposta desde a infância em que meninas “não podem” se misturar com meninos, mas, especialmente, por conta do silenciamento, que também é ocasionado por esses ritos entre os meninos. Eles, em busca de reconheci-

mento e demonstrações de sua virilidade, ou a demonstração do conhecimento musical em performances/gestos entre si, acabam por apagar as atitudes e opiniões das meninas (a exemplo dos grupos mistos), que muitas vezes naturalizam esse comportamento ou apenas demonstram insatisfação, a fim de evitar conflitos, o que limita a sua participação nas ações musicais. É importante destacar que a maneira como estudantes agem durante a atividade não é uma condição relacionada ao seu sexo, mas ao seu gênero e, portanto, uma forma social de expressar, performar ou reafirmar seus gêneros na situação da sala de aula.

As diferentes maneiras de se criar musicalmente podem ter, em grande medida, relação com a identidade de gênero de estudantes. Por isso, a mediação da professora responsável pela turma de nossa situação-problema é importante. Ao estar atenta sobre as estruturas patriarcais e conhecendo algumas questões relacionadas a gênero, a professora Júlia, ao perceber o desconforto de algumas alunas, pode facilitar a comunicação entre estudantes, seja de forma verbal ou não, intervindo no comportamento de fragmentação entre grupos e de silenciamento das meninas. Também poderia planejar ações dialógicas ou dinâmicas em sala de aula, em que as/os/es próprias/os/ies estudantes possam refletir, discutir e problematizar tais questões.



2. [...] podemos definir como relações sociais entre as pessoas de mesmo sexo, ou seja, as relações entre homens ou as relações entre mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

Sugestão de atividade prática a partir da situação-problema 1

Atividade Musical: “Aprimorando a comunicação e a criação musical de todos”

Objetivo: Construir possibilidades de comunicação assertiva e não violenta entre estudantes durante atividades de criação musical em grupo, evidenciando que tanto o diálogo quanto as demonstrações sonoras, quando equilibradas, podem promover a igualdade de gênero na sala de aula.

Recursos didáticos:

- Papel e caneta para anotações e registros;
- Quadro branco ou folhas grandes de papel para registro das discussões.

Etapas da atividade:

1. Introdução e Discussão sobre Gênero e Comunicação:

- Introduza o tema da atividade, explicando a importância da igualdade de gênero e da comunicação assertiva e não violenta na criação musical em grupo.
- Convide a turma a compartilhar suas percepções e experiências sobre a relação entre gênero e comunicação em diferentes situações, incluindo atividades musicais.
- Promova a discussão, incentivando todas as pessoas envolvidas a expressarem suas opiniões e ouvirem as perspectivas e experiências alheias.

2. Reflexão sobre Padrões Observados e Simulação de Situações:

- Apresente padrões de comunicação observados em atividades de criação musical em grupo (como aqueles descritos na situação-problema 1)

- Divida a turma em grupos mistos³ e peça que cada estudante encene, em sala de aula, um processo de criação musical em grupo.
- Os grupos simulam a situação e experimentam diferentes formas de comunicação e colaboração durante o processo de criação.

3. Discussão em Grupo e Planejamento da Criação Musical:

- Após a simulação, os grupos compartilham suas experiências e discutem sobre as estratégias que poderiam ser utilizadas para aprimorar os processos de comunicação e criação.
- A turma é estimulada a criar estratégias para a próxima atividade de criação musical em grupo, levando em consideração os princípios de igualdade de gênero e comunicação assertiva e não violenta.

4. Conclusão e Aplicação dos Princípios:

- Analise a atividade e faça uma breve conclusão, destacando a importância da igualdade de gênero e da qualidade da comunicação em atividades musicais.
- Incentive estudantes a levar os princípios discutidos na atividade para outras áreas de suas vidas.



Você sabia?

Os processos de composição em grupo são diversos e podem mudar de contexto para contexto. Esperar que estudantes criem e interajam espontaneamente pode ser bastante restritivo. Por isso, estimular a turma a se organizar de forma não usual e reconhecer diferentes manifestações musicais pode culminar em atividades que não refletem e nem reforçam estereótipos de gênero.

3. Considerando a possibilidade de uma observação prévia da turma e levando em conta a situação-problema 1, recomendamos que, ao dividir os grupos, haja uma separação entre aquelas/es/us estudantes que normalmente se agrupam juntos. O intuito seria possibilitar o debate entre as diferentes perspectivas que possam existir.



Sugestões de leitura para pensar e agir em sala de aula

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Madrid: Morata, 2001.

GREEN, Lucy. Exposing the gendered discourse of music education. *Feminism & Psychology*, v. 12, n. 2, p. 137-144, 2002.

KELLEY, Jamey. Activating gender: How identity affects students' perceptions of music activities. *Research Studies in Music Education*, v. 43, n. 2, p. 1-16, 2021.

LAMB, Roberta. Discords: Feminist pedagogy in music education. *Theory into Practice*, v. 35, n. 2, p. 124-131, 1996.

MARTINS, Áudrea Costa. Práticas musicais entre meninas no contexto de uma girl band. 2023. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MOLINA, Karla Abarca. Equidad de género en el campo musical: una aproximación teórica. *Escena Revista de las artes*, v. 76, n. 1, p. 167-184, 2017.

RECÔVA, Simone Lacorte. Música popular na escola: juventude, gênero e performance. In: XVIII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18, 2009, Londrina. *Anais...* Londrina: ABEM, p. 793-798, 2009.

Situação-problema 2

Tema: Classificação vocal no canto coral

Rogério é um homem cisgênero e heterossexual de 29 anos. Ele atua, desde os seus 21 anos, como regente de coros de igrejas e empresas. Há quatro anos, concluiu o curso de Licenciatura em Música e, desde o ano passado, atua como docente em uma escola pública de educação básica na periferia de sua cidade. No início do ano letivo, Rogério resolveu oferecer uma disciplina eletiva de canto coral às/aos estudantes do ensino médio. Bastante feliz com tal possibilidade, Rogério gostaria de trazer a experiência que teve em outros contextos para esse projeto.

Eis que, logo no primeiro dia do projeto, Rogério se deparou com uma situação inédita em sua atuação. Ao iniciar a classificação das vozes da turma, sentiu certa dificuldade para classificar a voz de uma pessoa, Cris, um estudante transmasculino que está em processo de transição hormonal, fase na qual a sua voz sofre alterações. Incomodado com a situação – pois, para ele, “naturalmente” a tessitura das vozes se encaixavam em “vozes femininas” e “vozes masculinas” –, encaixou Cris em contralto, mesmo sabendo que sua tessitura vocal indicava que estava mais próximo de tenor. Rogério explicou para a turma que as vozes são divididas pelo sexo. No entanto, parte das/os estudantes ficou ainda mais insatisfeita. Argumentaram que aquela divisão não contemplava todas as pessoas que ali estavam e, também, reforçava estereótipos, sobretudo, preconceitos que eram naturalizados no ambiente escolar.



Imagem: Freepik.com



Imagem: Freepik.com

A situação descrita acima foi inspirada no artigo *Is there a transgender voice pedagogy?: taking the gender out of voice classification* (SIMS, 2018). Esse exemplo nos faz perceber que é fundamental que docentes de música se atualizem sobre questões de gênero e diversidade sexual, buscando compreender as diversas identidades e experiências que podem existir dentro da sala de aula. O conhecimento sobre temas como identidade de gênero, transição hormonal e as variações vocais associadas a esses processos é essencial para evitar a perpetuação de estereótipos de gênero na classificação vocal. Ao deparar-se com a dificuldade de classificar a voz de Cris, Rogério pode adotar uma abordagem mais aberta e empática.

Em vez de utilizar uma classificação baseada em conceitos tradicionais de “vozes femininas” e “vozes masculinas”, pode explorar o assunto junto aos/às/aes estudan-

tes, buscando possíveis soluções inclusivas para a situação. É importante que docentes de música ofereçam um ambiente inclusivo e seguro, onde todas as vozes e identidades sejam reconhecidas e valorizadas. Em vez de se apegar rigidamente a categorias pré-determinadas, é possível adotar uma abordagem mais flexível. A educação musical tem, certamente, o potencial de promover a valorização da diversidade e contribuir para a construção de um espaço escolar seguro, acolhedor e respeitoso para todas as pessoas. Por isso, recomendamos que considere deixar o gênero fora da classificação de vozes. Ao considerar pessoas não-binárias, por exemplo, a designação de gênero binário é impossível para elas. Lembremos que existem também pessoas cis-gêneras que cantam fora das regiões esperadas para seu gênero. Lembre-se que você está ensinando pessoas, não apenas vozes.



Sugestão de atividade prática a partir da situação-problema 2

Atividade Musical: “Reconhecer vozes é reconhecer pessoas”

Objetivo: Promover a valorização da diversidade vocal e a desconstrução de estereótipos de gênero presentes em sua classificação.

Recursos didáticos:

- Data show e caixa de som;
- Papel e caneta para anotações e registros;
- Quadro branco ou folhas grandes de papel para registro das discussões.

Etapas da atividade

1. Discussão sobre diversidade vocal:

- Inicie uma conversa em sala de aula sobre as diferentes características vocais e a diversidade de tessituras vocais que existem entre as pessoas.
- Fale sobre identidade e estereótipos de gênero e problematize expressões como “vozes femininas” e “vozes masculinas”, evidenciando que a classificação vocal tradicional pode não ser adequada para todas as pessoas.

- Apresente exemplos de vídeos de cantoras, cantores e cantories que desafiam a classificação vocal baseada na binaridade de gênero.

2. Exercício prático de classificação vocal:

- Inicialmente, pergunte aos/às estudantes quais pronomes que devem ser usados para lhes fazer referência.
- Conduza um exercício prático⁴ de classificação vocal, utilizando uma variedade de escalas e exercícios de vocalização.
- Encoraje estudantes a observar as diferenças individuais em termos de extensão vocal, timbre e registro, sem recorrer a estereótipos de gênero.

3. Discussão em grupo e criação de estratégias inclusivas:

- Promova uma discussão em grupo sobre as suas experiências durante o exercício de classificação vocal.
- Incentive a turma a refletir sobre como a diversidade vocal pode ser celebrada e valorizada, e como estereótipos de gênero reduzem essa diversidade.
- Em conjunto, crie estratégias inclusivas para a classificação vocal no canto coral, levando em consideração a diversidade vocal presente na turma.

4. Conclusão e Aplicação dos Princípios:

- Analise a atividade e apresente uma breve conclusão, destacando a importância de reconhecer e valorizar vozes, sem a imposição de categorias rígidas baseadas em conceitos tradicionais de gênero.
- Incentive estudantes a levar os princípios discutidos na atividade para outros espaços além do escolar.

4. Considere a possibilidade de haver estudantes que fazem uso de faixa compressora nos seios (Binder), que pode dificultar o prolongamento da respiração durante exercícios de voz/canto. Essa faixa é comumente utilizada por pessoas transmasculinas ou mesmo por mulheres cis. Para estes casos, podem ser propostos exercícios que considerem essa especificidade (ver Romano, 2018).



Você sabia?

O sistema binário de gênero limitou as partes do canto e os tipos de voz durante séculos. Historicamente, os rótulos das partes vocais graves (baixo, barítono, tenor) foram reservados para homens, e os rótulos das partes vocais agudas (alto, mezzo-soprano, soprano), para mulheres. No entanto, as classificações podem ser mais inclusivas. Cantoras/es/ies como Felipe Catto, Lucia Lucas, Breanna Sinclairé, Manuela Trasobares, Samuel Mariño, Ella Taylor, CN Lester, Holden Madagame, Lucas Bouk, Liz Bouk borram as fronteiras do binarismo da classificação vocal.



Sugestões de leitura para pensar e agir em sala de aula

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FISHER, Brent Joseph. *Navigating Transgender Identity in a Gay Men's Chorus: A Qualitative Exploration*. 2020. - The Ohio State University, Columbus, 2020.

HEARNS, Liz Jackson; KREMER, Brian. *The singing teacher's guide to transgender voices*. San Diego: Plural Publishing, 2018.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, July Vidal Guimarães. Pelo direito à voz identitária: caminhos da reconfiguração vocal da mulher trans. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 30, 2020, Manaus. *Anais...* Manaus: ANNPOM, 2020.

PALKKI, Joshua; CALDWELL, Paul. "We are often invisible": A survey on safe space for LGBTQ students in secondary school choral programs. *Research Studies in Music Education*, v. 40, n. 1, p. 28–49, 2018.

ROMANO, Tessa M. *The Singing Voice During the First Two Years of Testosterone Therapy: Working with the Trans or Gender Queer Voice*. 2018. Tese (Doutorado em Música)- University of Colorado Boulder, Boulder, 2018.

SILVEIRA, Jason M. Perspectives of a Transgender Music Education Student. *Journal of Research in Music Education*, v. 66, n. 4, p. 428–448, 2018.

SILVEIRA, Jason M.; GOFF, Sarah C. Music Teachers' Attitudes Toward Transgender Students and Supportive School Practices. *Journal of Research in Music Education*, v. 64, n. 2, p. 138–158, 2016.

SIMS, Loraine. Is there a transgender voice pedagogy?: taking the gender out of voice classification. *The voice foundation*, Philadelphia, v. 23, n. 3, p. 8–11, 2018.

SIMS, Loraine. Transgender terminology: useful terms for working with transgender individuals. *The voice foundation*, Philadelphia, v. 23, n. 3, p. 156–162, 2018.



Imagem: Freepik.com

Situação-problema 3

Tema: A escolha de instrumentos musicais

Felipe é professor de música, há 15 anos, em uma escola de educação básica em uma cidade do interior. Com experiência em bandas de música, o professor Felipe propôs um projeto de criação de uma banda de música escolar. Com o projeto do professor Felipe aprovado, a escola foi contemplada com um kit de instrumentos musicais. Para iniciar as atividades, Felipe convidou, de sala em sala, alunas e alunos para participarem da banda. Passados 15 dias, o professor recebeu 35 inscrições, sendo 20 inscrições de meninas e 15 de meninos. No primeiro encontro, o professor apresentou os instrumentos musicais. Ele explicou que os instrumentos mais leves seriam para as meninas e os mais pesados para os meninos. No entanto, uma aluna o questionou, dizendo que gostaria de testar o **sousafone** e questionou sobre a determinação da divisão de instrumentos musicais mais “apropriados” para meninos e instrumentos mais “apropriados” para meninas. O professor, então, explicou que era “normal” que as meninas tocassem instrumentos mais leves e mais suaves, pois nas bandas de música

nas quais participou sempre funcionava assim. Seguiu, afirmando que seria difícil uma menina conseguir tocar um “instrumento de menino”. Depois da explicação, outra aluna pediu para testar o trombone de vara. O professor ficou um pouco incomodado e questionou se a turma havia combinado de testá-lo. O professor Felipe explicou, então, que seria melhor dividir da forma que ele propôs, pois aquela forma não daria nada errado, sendo essa a única forma correta.



Sousafone: instrumento do grupo dos metais. Tuba especial que a/o/e executante tem que apoiar no ombro para tocar. É muito utilizada nas bandas de música.



Diante da situação acima, é essencial que docentes de música reflitam sobre a sua abordagem quanto à escolha de instrumentos musicais de estudantes. É importante compreender que a divisão de instrumentos musicais com base no gênero não é uma prática inclusiva nem condizente com o respeito à individualidade de estudantes. Ao atribuir instrumentos mais leves para as meninas e instrumentos mais pesados para meninos, o professor perpetua estereótipos que restringe possibilidades de escolha. Outros fatores são utilizados para justificar a associação de gênero aos instrumentos musicais como: timbre e tessitura do instrumento (instrumentos mais graves seriam para meninos, ao passo que instrumentos mais agudos seriam para meninas), tamanho do instrumento (instrumentos maiores seriam para meninos, ao passo que instrumentos menores seriam para meninas). No entanto, é possível que, por ausência de representações, estudantes não se sintam confortáveis a escolher um instrumento musical que rompa com expectativas de gênero.

Ao lidar com a diversidade de interesses e habilidades de estudantes, é fundamental que docentes de música garantam, efetivamente, oportunidades de escolhas. Em vez de impor uma divisão baseada em estereótipos e considerar quais instrumentos musicais são aceitáveis para determinada identidade de gênero, é importante encorajar estudantes a experimentar diferentes instrumentos, permitindo que escolham aquele(s) que mais lhes interessam e com que se identificam. Ao ser questionado por uma aluna sobre a possibilidade de tocar um sousafone, o professor poderia ter acolhido a curiosidade e o interesse dela, incentivando-a a experimentar o instrumento. A reação do professor Felipe ao pedido de outra aluna para testar o trombone de vara demonstra resistência a questionamentos sobre suas certezas pedagógicas.

Docentes de música devem refletir sobre sua conduta e abordagem em relação à escolha de instrumentos musicais, buscando promover a igualdade de oportunidades e valorizar a diversidade de interesses e habilidades dos estudantes. Criar um ambiente inclusivo e seguro, onde todes/as/os se sintam livres para explorar e experimentar diferentes instrumentos, contribui para o desenvolvimento musical e pessoal de estudantes, além de romper com estereótipos de gênero e promover a igualdade de gênero na música.

Sugestão de atividade prática a partir da situação-problema 3

Atividade Musical: “Instrumentos de todes”

Objetivo: Refletir sobre a relação entre estereótipos de gênero e escolha de instrumentos musicais, encorajando a escolha e experimentação livre de instrumentos.

Recursos didáticos:

- Data show ou imagens impressas;
- Instrumentos musicais disponíveis;
- Papel e caneta para anotações e registros;
- Quadro branco ou folhas grandes de papel para registro das discussões.

Etapas da atividade:

1. Introdução

- Inicie a atividade apresentando imagens de bandas de música e/ou de outras configurações de grupos musicais como fanfarras, orquestras sinfônicas, grupos de jazz, grupos de rock, grupos de choro, samba etc.
- Faça um levantamento numérico com a turma a partir do questionamento: Onde estão as meninas/mulheres nas imagens? Quais instrumentos tocam?

- Conduza uma discussão sobre escolha de instrumento e estereótipos de gênero, destacando como essa relação pode restringir opções e perpetuar desigualdades na música;
- Encoraje estudantes a compartilharem suas percepções e experiências sobre escolha de instrumentos musicais com base no gênero.

2. Exploração de instrumentos musicais:

- Estimule escolhas que desafiem estereótipos, por isso troque, propositalmente, os instrumentos ditos de “meninos” e os de “meninas”.
- Uma vez escolhido o instrumento para cada pessoa, dê instruções básicas de como tocá-lo.
- Componha com a turma uma pequena melodia simples no nível 1, utilizando a tabela de parâmetros musicais para banda.
- Em seguida, toque a melodia que deverá ser executada nos instrumentos “trocados”.

3. Discussão em grupo e criação de estratégias inclusivas:

- Debata com estudantes sobre as suas experiências durante o exercício de escolha de instrumento e composição coletiva;
- Incentive a turma a refletir sobre como a associação de expectativas de gênero aos instrumentos musicais reduz a possibilidade de escolhas das pessoas.

4. Conclusão e Aplicação dos Princípios:

- Analise o percurso da atividade e apresente uma breve conclusão, destacando a importância da liberdade de escolha, baseando-se no interesse intrínseco de cada estudante.
- Incentive estudantes a levar os princípios discutidos na atividade para outros espaços além do escolar.



Você sabia?

A imposição da associação do gênero aos instrumentos musicais têm consequências de longo alcance para além da sala de aula e pode restringir as aspirações vocacionais de musicistas. Lucy Green (2000) e estudos mencionados por Hal Abeles (2009) afirmam que as associações do gênero aos instrumentos musicais afetam as percepções de outras pessoas sobre os/as/es musicistas.



PEQUENO GUIA PRÁTICO PARA O REGENTE DE BANDA



Sugestões de leitura para pensar e agir em sala de aula

ABELES, Hal. Are musical instrument gender associations changing?. *Journal of Research in Music Education*, v. 57, n. 2, p. 127–139, 2009.

GREEN, Lucy. Identidade de gênero, experiência musical e escolaridade. *Revista Música, Psicologia e Educação*, n. 2, P. 47-67, 2000.

MCKEAGE, Kathleen. “Where are all the girls?” Women in collegiate instrumental jazz. *GEMS (Gender, Education, Music, & Society)*, v. 7, n. 1, 2014.

MOREIRA, Marcos dos Santos. Bandas de Música e Gênero: Uma busca da ativa participação da mulher nordestina. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 66–76, 2013.

ROMERO, Nieves Hernández. A Influência Da Educação Musical Na Transmissão De Papéis Sociais Associados Ao Gênero. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5, n. 1, p. 1–12, 2010.

SOTELO, Dario. Tabela de parâmetros técnicos para instrumentos de sopro. In: JARDIM, Marcelo (Org.). *Pequeno guia prático para o regente de banda vol. 1*. Funarte: Rio de Janeiro, 2008. p. 36-50. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/musica-2/projeto-bandas-de-musica/partituras/guia-para-o-regente-de-banda.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2024.

WYCH, Gina. Gender and Instrument Associations, Stereotypes, and Stratification. *Update: Applications of Research in Music Education*, v. 30, n. 2, p. 22–31, 2012.

Considerações finais

A partir das três situações-problemas apresentadas neste artigo, buscamos trazer reflexões e embasamento para docentes de música refletirem sobre sua conduta diante de situações em sala de aula atravessadas por questões de gênero e sexualidade. Essas reflexões são essenciais para promover um espaço seguro e inclusivo para todas, todes e todos. Docentes de música têm um papel fundamental na promoção da igualdade, respeito e inclusão em sala de aula e na sociedade. Ao adotarem uma postura sensível, atualizada e aberta, podem cultivar a diferença e a diversidade em sala de aula. Entendemos que a educação musical tem papel fundamental na promoção da diversidade e, portanto, contribuiu para a formação de uma sociedade menos violenta, mais justa e mais humana.

Autora e autores



**Yanaêh
Vasconcelos Mota**

yanaeh.mota@ufc.br

Professora do curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Ceará (campus Sobral), doutoranda em música (área de concentração: Educação Musical) pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMus/UFRGS), mestra em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGMus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGMus/UFRN) e licenciada em música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista de mestrado (CAPES - 2018/2020) e, neste período, desenvolveu pesquisa sob a temática de gênero, diversidade sexual e desenvolvimento profissional. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre o mesmo campo temático de gênero, focalizando na docência de música de pessoas trans* e travestis.

<http://lattes.cnpq.br/1949474973615252>



Imagem: Freepik.com



**Mário André
Wanderley Oliveira**

mario.andre@ufrn.br

Professor da Escola de Música da UFRN e presidente da ABEM (gestão 2024-2026). Pós-Doutorado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGMus/UFRN. Doutorado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGMus/UFRGS. Mestrado em Música (área de concentração: Educação Musical) pelo PPGM/UFPB. Especialização em Educação Musical (pós-graduação lato-sensu) pelas Faculdades Santo Agostinho de Montes Claros-MG (FASA). Licenciatura em Artes-Música (Habilitação: Violão) pela Universidade Estadual de Montes Claros-MG (Unimontes). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da Escola de Música da UFRN (GRUMUS/UFRN). É Editor de Seção do Periódico Diálogos Sonoros - Revista do PPGMus/UFRN.

<http://lattes.cnpq.br/3051960153236945>



**Francisco Ernani
de Lima Barbosa**

francisco.barbosa5@prof.
ce.gov.br

Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob a orientação do professor Dr. Agostinho Jorge de Lima. Possui graduação em Música e Especialização em Metodologias em Educação Musical pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2011), Especialização em Gestão Escolar integrada e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes-UCAM (2017). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Música (GRUMUS-UFRN). É Professor de Arte/Música na Secretaria de Educação do Estado do Ceará/SEDUC, lotado na 10 Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 10 como Coordenador Regional do Projeto Professor Diretor de Turma - CRPPDT

e Assistente Técnico do Protagonismo Estudantil. Tem experiência em educação a distância, formação de professores, ensino coletivo de instrumentos musicais de sopro e regência de bandas.

<http://lattes.cnpq.br/6616967763010332>



**Michel Vincent de
Oliveira Sampaio**

michelsampaio@alu.ufc.br

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC), vinculado à linha de pesquisa Cidade, Desigualdades Sociais, Movimentos Socio-culturais e Educação. Pós-graduado em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade pela Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz). Licenciado em Sociologia e Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)(2020-2022). Atuou como bolsista no Projeto de Extensão Trans*formar (2019) na Unilab. Integra, desde 2019, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Música (GRUMUS-UFRN) na linha de Gênero, Sexualidade e Educação Musical. Desde 2023, integra o Núcleo de Estudos em Raça e Interseccionalidades (NERI-UFC). Participa da Rede Brasileira de Estudos Trans/Travestis e é filiado ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidades do Ceará (Ibrat-CE). Entre as áreas de interesse, destacam-se: sociologia política; sociologia e antropologia digital; estudos críticos sobre neoliberalismo; identidade e subjetividade política; estudos trans e/ou travestis; movimentos sociais e ativismos.

<http://lattes.cnpq.br/4121560384112237>

Referências

- ABRAMO, Joseph Michael. Gender differences of popular music production in secondary schools. *Journal of Research in Music Education*, [s. l.], v. 59, n. 1, p. 21-43, 2011.
- BAIBICH, Tânia Maria. *Preconceito e escola: vocabulário de conceitos e palavras-chave*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.
- BAIBICH-FARIA, Tânia Maria; MENEGHETTI, Francis. A Escola de Frankfurt e seu legado. *Revista Espaço Pedagógico*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 71-84, 2005.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.
- BROWN, George. Considerações gerais sobre a sexualidade. Manual MSD. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/assuntos-especiais/sexualidade/considera%C3%A7%C3%B5es-gerais-sobre-a-sexualidade>. Acesso em: 05 abr. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR). 2023. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em 08 abr. 2024.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2.Ed., 2012.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.
- KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Em Pauta*, v. 11, n. 16/17, p. 49-73, abr./nov. 2000.
- LIONÇO, Tatiana. Criminalização do assédio ideológico nas escolas: ideologia de gênero como argumento central na disputa fundamentalista da política de educação. In: RODRIGUES, Alexandro; MONZELI, Gustavo; FERREIRA, Sérgio. *A política no corpo: gêneros e sexualidades em disputa*. Vitória: EDUFES, p. 145-160, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista, Belo Horizonte*, n. 46. p. 201-218, dez. 2007.
- MATTOS, Amana Rocha. Discursos ultraconservadores e o truque da “ideologia de gênero”: gênero e sexualidades em disputa na educação. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 573-586, dez. 2018.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 101-128, jan./jun., 2007.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papirus, 1987.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre, *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender: still a useful category of analysis?. *Diogenes*, Brasília, n. 225. p. 7-14, 2010.
- SEFFNER, Fernando. Tem nexos não falar sobre sexo na escola? *Revista textual, SINPRO/RS*, v. 1, n. 25, p. 22-29, 2017.
- VESTIDO Nuevo. Direção de Sergi Pérez. Barcelona: Espanha: Escándalo Films, 2007.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

